



MANUAL PARA IMPLEMENTAÇÃO DE REDES LOCAIS DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NOS TERRITÓRIOS

ÍNDICE

03

Introdução

04

Princípios Orientadores

06

Princípios Estruturantes

09

Eixos de Atuação

15

Etapas de
Implementação

23

Considerações

25

Para conhecer uma rede
em funcionamento

26

Referências

INTRODUÇÃO

Quando o território vira rede



Implementar uma Rede Local de Economia Popular e Solidária significa reconhecer que o território já opera como uma rede sociotécnica: pessoas, feiras, tecnologias simples, objetos, caminhos, narrativas e infraestruturas se conectam diariamente e produzem vida coletiva. Nessa perspectiva inspirada por Latour, Larkin e Capurro, o social não é algo abstrato, mas o resultado das associações que emergem das práticas, da tenda instalada na feira ao grupo de WhatsApp que organiza a produção.

A Economia Solidária, entendida por Paul Singer como prática emancipatória e autogestionária, fornece o eixo político desse processo. A rede nasce quando essas conexões materiais, informacionais e comunicacionais são organizadas, fortalecidas e visibilizadas, permitindo que mulheres, juventudes e empreendimentos do território atuem com autonomia, cooperação e incidência. Este manual orienta essa construção de forma prática, integrada e territorial.

PRINCÍPIOS ORIENTADORES:

O território como ecossistema sociotécnico

O primeiro princípio é o da **territorialidade multiescalar**. O território amazônico não se organiza por fronteiras fixas, mas por fluxos: o tempo das águas, o acesso ao ramal, o rádio AM, o grupo de WhatsApp, o horário da feira, o barco que chega, a chuva que atrasa, a visita técnica que desperta memórias. Implementar uma Rede Ecosol exige reconhecer que esse território não é passivo: ele atua, condiciona, orienta e sustenta as relações.



O segundo princípio é o da **sociotécnica**. Não basta organizar pessoas: é preciso organizar também os objetos, os dispositivos, os dados, os documentos, as tecnologias, os canais de comunicação, as infraestruturas físicas e os fluxos digitais. A rede não é só humana: ela é profundamente material informacional.

O terceiro princípio é a **comunicação como infraestrutura**. Toda rede vive da circulação de informações. Mas, como Capurro demonstra, informação não existe sem interpretação.

O quarto princípio é a **autogestão solidária**, fundamentada por Singer. Uma Rede Ecosol se sustenta quando as pessoas se reconhecem como parte de um coletivo e conseguem decidir juntas, com confiança e transparência.

O quinto princípio é a **interoperabilidade das infraestruturas**. Um formulário, uma tenda, uma reunião, uma foto, um QR code e uma colheita não podem viver separados: eles precisam dialogar. A rede nasce quando esses elementos conversam entre si.



PRINCÍPIOS ESTRUTURANTES:

O que é uma Rede Local Ecosol?

Uma Rede Local Ecosol é uma tecnologia social sociotécnica, formada pelo conjunto de atores, práticas, objetos, tecnologias e infraestruturas que sustentam a economia popular e solidária de um território. Ela não é uma instituição formal, mas uma articulação viva, capaz de organizar produção, circulação de informações, formação, feiras e participação política.

Ecosistema

A rede funciona como um ecossistema:

- articula empreendimentos rurais e urbanos;
- reúne associações, coletivos de mulheres, jovens comunicadores e feirantes;
- ativa espaços de comercialização;
- constrói visibilidade territorial;
- fortalece a gestão comunitária da informação;
- e amplia o alcance político do território.



“

In the world of business,
the only constant is
change. Embrace it, adapt
to it, and thrive in it.

A Rede não substitui os empreendimentos

É essencial afirmar, com clareza e sem ambiguidades, que a Rede Local de Economia Popular e Solidária não tem o objetivo de substituir os empreendimentos, ocupar o protagonismo das mulheres ou falar em nome do território. Pelo contrário: a Rede existe para fortalecer, visibilizar e proteger os empreendimentos que já constroem o desenvolvimento local com suas próprias mãos.

A Rede nasce como um elo de cuidado e organização, e não como uma nova instituição que se impõe sobre o território. Ela não é uma “marca”, não é uma ONG, não é um projeto que chega para mandar, e muito menos um ator externo que tenta se apropriar da produção e da identidade das pessoas. A Rede não tem dono, não tem centralizador e não busca transformar os empreendimentos em “vitrine” para si mesma.

Para não repetir a lógica colonizadora de alguns projetos externos

Infelizmente, muitos territórios já viveram — e continuam vivendo — experiências em que instituições externas chegam com discursos de apoio, mas operam com práticas colonizadoras. São organizações que:

- usam a imagem dos empreendimentos sem dar crédito;
- não mencionam o nome das mulheres, associações ou coletivos que constroem a vida local;
- fazem as pessoas vestirem a camisa da organização, mas nunca as reconhecem como protagonistas;
- obtêm visibilidade e recursos graças ao território, mas devolvem pouco ou nada;
- capturam narrativas, dados e imagens sem retorno social;
- partem quando o financiamento acaba, deixando buracos e frustrações.

PRINCÍPIOS ESTRUTURANTES

É essencial afirmar, com clareza e sem ambiguidades, que a Rede Local de Economia Popular e Solidária não tem o objetivo de substituir os empreendimentos, ocupar o protagonismo das mulheres ou falar em nome do território. Pelo contrário: a Rede existe para fortalecer, visibilizar e proteger os empreendimentos que já constroem o desenvolvimento local com suas próprias mãos.

A Rede Ecosol nasce justamente para romper com esse padrão, garantindo que nenhuma iniciativa seja capturada, instrumentalizada ou invisibilizada.

A Rede se organiza para:

- garantir que cada empreendimento tenha nome, rosto, história e visibilidade;
- fortalecer a autonomia e a autoestima das mulheres;
- ampliar espaços de comercialização, formação e decisão;
- produzir informação territorial que permaneça no território;
- gerar ferramentas que ficam para a comunidade, e não apenas para relatórios externos.

A Rede não assume o lugar das bases, ela sustenta as bases para que elas floresçam.



Comunicação, Formação e Incidência Política

Os eixos de atuação — Comunicação, Formação e Incidência Política — são a espinha dorsal da Rede. Eles não são apenas elementos presentes no processo; são as lentes através das quais todo o trabalho do território é organizado. São eles que garantem que a Rede avance, se fortaleça e permaneça viva, mesmo após ciclos de projetos.

A atuação da Rede se baseia em processos que ajudam o território a se organizar, a criar vínculos e a fortalecer a autonomia das pessoas envolvidas. Esses processos tornam possíveis as trocas, a circulação de saberes e a construção de práticas coletivas que valorizam o que cada comunidade já faz, ao mesmo tempo em que abrem novas possibilidades. Eles ajudam a transformar iniciativas isoladas em ações articuladas, oferecendo condições para que grupos antes invisibilizados passem a ocupar espaços de reconhecimento, decisão e desenvolvimento.

Além disso, esses processos sustentam a continuidade do trabalho, evitando que a Rede dependa apenas de projetos temporários ou de apoios externos. Eles fortalecem a gestão comunitária, criam mecanismos de organização interna, ampliam a capacidade de diálogo com instituições parceiras e permitem que as comunidades reconheçam o próprio território como espaço político e produtivo.

Assim, o que antes era visto como esforço individual passa a ser compreendido como construção coletiva e a Rede ganha estabilidade, legitimidade e capacidade de permanecer viva ao longo do tempo.

Eixo da Comunicação: voz, a memória e o reconhecimento do território

A comunicação é o primeiro e mais poderoso eixo da Rede, porque é ela que dá existência pública ao território. Sem comunicação, um empreendimento pode existir; mas com comunicação, ele passa a existir para o mundo, para o município, para os parceiros, para a política, para a internet, para a própria comunidade.

A comunicação é o que transforma iniciativas isoladas em coletividade reconhecida.

Ela é responsável por construir:

- a identidade da Rede,
- a visibilidade das mulheres e juventudes,
- a memória das feiras,
- a narrativa sobre o território,
- a presença pública dos empreendimentos,
- o registro histórico das ações,
- e o reconhecimento externo.



Quando a Rede comunica, ela não divulga apenas produtos — ela divulga histórias.

Divulga trajetórias familiares, modos de vida, memórias ancestrais, inventividades amazônicas, técnicas de agricultura, criação artesanal, processos coletivos e lutas territoriais.

A comunicação na Rede é estratégia, afeto e política.

EIXOS DE ATUAÇÃO

Eixo da Formação: aprendizagem contínua como instrumento de autonomia

A formação é o eixo que garante que a Rede não dependa eternamente de terceiros para existir.

Ela cria autonomia, amplifica capacidades e transforma práticas cotidianas em processos conscientes.

Na metodologia da Rede, a formação não é um evento pontual. Ela é permanente, coletiva, adaptada ao ritmo do território, pensada para ser replicável, e construída com base nas demandas reais das mulheres, empreendedores e comunidades.



EIXOS DE ATUAÇÃO

Esse eixo inclui formações sobre:

- gestão da produção e da renda,
- precificação,
- organização das feiras,
- direitos das mulheres e juventudes,
- comunicação comunitária,
- tecnologias simples,
- fortalecimento associativo,
- elaboração de projetos,
- economia solidária,
- incidência política,
- e alfabetização digital

A formação prepara as pessoas para ocupar novos espaços, tomar melhores decisões e construir autonomia política e econômica. Ela fortalece subjetividades, cria confiança e estimula pertencimento.

A formação é o eixo que segura a rede de dentro pra fora.



Eixo da Incidência: participação do território como sujeito político

A incidência política é o eixo que garante que a Rede não seja apenas um arranjo produtivo, mas um ator político com legitimidade territorial.

Incidir politicamente não é algo separado da prática produtiva: é parte essencial dela. Toda feira, toda oficina, todo mutirão, toda roda de conversa é também uma forma de incidência — porque produz presença, articulação e força comunitária.

Esse eixo fortalece a participação em:

- Conselhos municipais,
- Conferências,
- Fóruns de políticas públicas,
- Plataformas regionais,
- Grupos de tomada de decisão,
- Espaços de diálogo com o poder público.

A incidência é o que permite que o território:

- apresente suas próprias pautas,
- defenda seus direitos,
- acompanhe políticas de agricultura, mulher, juventude, cultura e desenvolvimento,
- influencie decisões,
- acesse editais e programas,
- e garanta que a Economia Solidária não seja tratada como “bico”, mas como setor estratégico.

A incidência política é o eixo que abre portas e garante conquistas coletivas.

Comunicação . Formação . Incidência Política

A

COMUNICAÇÃO

A comunicação garante que o território exista publicamente. É pela comunicação que as histórias das mulheres, os saberes das comunidades, as feiras e os produtos ganham visibilidade e reconhecimento. Ela organiza vínculos, cria narrativa própria, fortalece autoestima e impede que organizações externas apaguem o protagonismo dos empreendimentos. É a circulação de sentidos que transforma práticas em pertencimento coletivo.

B

FORMAÇÃO

A formação é a base da autonomia. Ela fortalece capacidades individuais e coletivas, amplia conhecimentos sobre produção, gestão, direitos, tecnologias e políticas públicas. A formação contínua permite que as mulheres, jovens e coletivos decidam com consciência, se desenvolvam como lideranças e se tornem protagonistas do território. Aprender em rede significa compartilhar saberes, trocar experiências e construir caminhos sustentáveis.

C

INCIDÊNCIA POLÍTICA

A incidência política transforma a Rede em sujeito ativo do território. Ela garante participação em conselhos, conferências e espaços de decisão, apresentando pautas, propostas e demandas comunitárias. É por meio desse eixo que a Rede defende direitos, influencia políticas públicas, articula com o poder público e conquista reconhecimento institucional. Incidir é ocupar o lugar que historicamente foi negado às comunidades.

ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

A implementação de uma Rede Local Ecosol segue um conjunto de etapas interligadas que organizam o território, fortalecem vínculos, estruturam processos e criam condições reais de sustentabilidade comunitária. Cada fase é contínua e pode dialogar com as demais, mas a sequência abaixo oferece uma rota clara e prática para orientar quem está iniciando ou consolidando uma Rede Territorial.

FASE 1 – Diagnóstico Sociotécnico Territorial

A primeira etapa é dedicada a compreender o território em sua complexidade: quem são os empreendimentos, as associações, as mulheres, as juventudes, as feiras, os coletivos e os espaços produtivos existentes.

O diagnóstico não cria um território novo – ele identifica e revela o que já existe, mapeando:

- práticas produtivas;
- dinâmicas sociais;
- problemas e potências;
- fluxos informacionais;
- redes formais e informais;
- infraestruturas já existentes;
- principais demandas comunitárias.



Essa etapa é feita por meio de conversas, visitas, rodas de escuta, feiras, caminhadas, observação direta, registros fotográficos e mapeamento participativo.

ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

FASE 2 – Busca e Formalização de Parcerias Estratégicas

Conectar o território com quem soma – nunca com quem explora

Nenhuma Rede se mantém sozinha.

Por isso, a segunda etapa consiste em identificar e envolver parceiros estratégicos que possam apoiar o processo, desde que respeitem o protagonismo dos empreendimentos e não reproduzam práticas colonizadoras.

Parcerias estratégicas podem envolver:

- prefeituras e secretarias;
- organizações comunitárias;
- coletivos culturais;
- universidades;
- movimentos sociais;
- comunicadores locais;
- instituições que ofereçam formações;
- programas de governo.

IMPORTÂNCIA DA FORMALIZAÇÃO

A formalização das parcerias é essencial para garantir relações claras, éticas e seguras entre a Rede e qualquer instituição. Ao assinar um **Termo de Adesão ou de Cooperação**, ficam definidos os compromissos, responsabilidades e limites de cada parte, protegendo o território e assegurando transparência no processo. Essa formalização também impede práticas comuns de organizações externas que usam a imagem e o trabalho das comunidades sem retorno. Com o termo, a Rede se resguarda e garante que cada parceria gere benefícios reais e respeite o protagonismo dos empreendimentos locais.

ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

CASE DE SUCESSO: REDE ECOSOL CAREIRO

A Rede Ecosol Careiro estruturou parcerias com:

- Prefeitura Municipal do Careiro, especialmente com o Departamento de Organização Comunitária,
- além de coletivos, associações e entidades de apoio à agricultura familiar.

Essas parcerias fortaleceram feiras, formações, comunicação, mobilização e incidência política.





NASCE A REDE LOCAL DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DO CAREIRO!

Fomentada pelo Coletivo Ykambiabas, a iniciativa mostra a união, sustentabilidade e protagonismo das mulheres amazônidas.



 Dia 12/11, às 8h,
Parque Castanheiras.
Mais informações na página da Prefeitura do Careiro.

FASE 3 — Construção da Infraestrutura Sociotécnica da Rede

A estrutura que conecta pessoas, práticas, dados e narrativas

Nesta etapa, o território começa a enxergar a Rede de forma concreta. É aqui que se organizam:

- Planilha-mãe (produção, empreendimentos, sazonalidade, contatos);
- Banco de Imagens territorial;
- Identidade visual da Rede;
- Cadastro completo dos empreendimentos;
- Documentos formais (termos, listas, protocolos);
- Calendário unificado das feiras, eventos e formações;
- Mapa sociotécnico digital;
- Pastas organizadas para comunicação e documentos.

Essa infraestrutura é o “esqueleto” da Rede: ela sustenta a comunicação, a formação e a incidência.

É muito importante que, após essa organização interna, a Rede realize um evento oficial de lançamento, que funcione como marco público e político da iniciativa. Esse lançamento tem a função de apresentar a Rede ao território, reunir os empreendimentos, validar os processos construídos coletivamente, fortalecer o sentimento de pertencimento e dar visibilidade às mulheres, juventudes e associações envolvidas. Também é o momento de divulgar a identidade visual, apresentar o mapa sociotécnico, formalizar publicamente os parceiros e reforçar a existência da Rede diante do poder público e dos demais atores do território.

Um evento de lançamento consolida o trabalho interno e inaugura a presença pública da Rede, mostrando que ela está viva, organizada e pronta para atuar de forma articulada.

ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

FASE 4 – Ativação Territorial

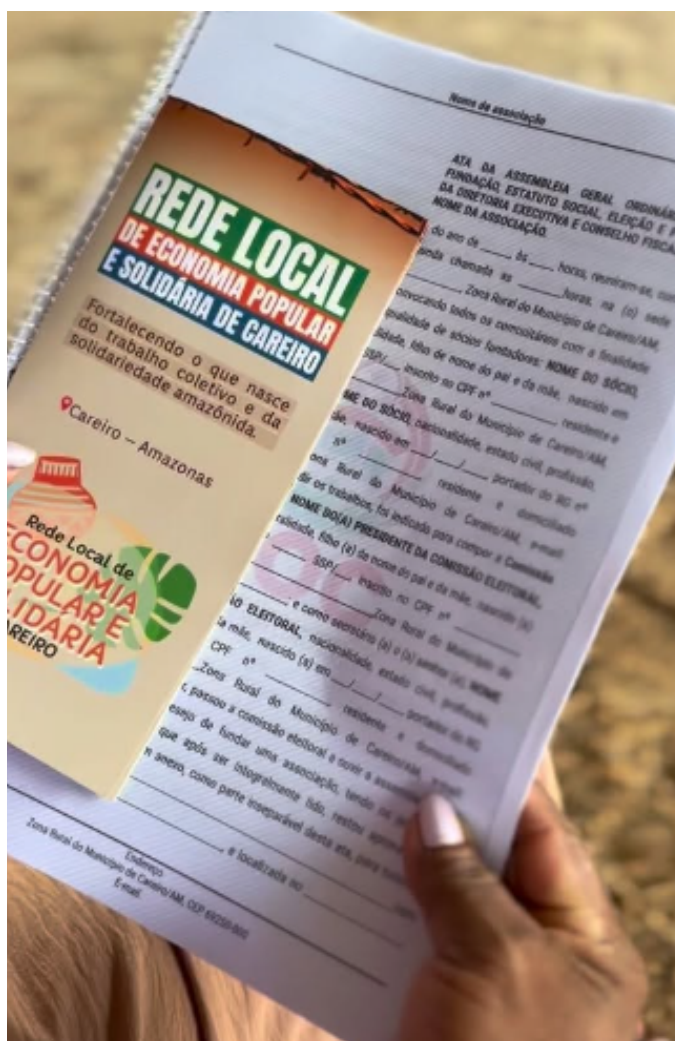
Dar vida à Rede – movimento, energia e pertencimento

A ativação é quando a Rede aparece no território e passa a gerar movimento real. É o momento em que as ações começam a envolver pessoas, circular saberes e criar pertencimento.

Aqui acontecem:

- feiras comunitárias;
- rodas de conversa;
- oficinas produtivas e formativas;
- mutirões;
- vivências com mulheres e juventudes;
- encontros de troca;
- mobilizações temáticas;
- atividades culturais e de comunicação.

A ativação fortalece vínculos, estimula novos empreendimentos, valoriza histórias e aumenta a autoestima comunitária. É a fase da vida pulsante da Rede.



ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

FASE 5 – Gestão da Informação e da Comunicação

A Rede como produtora de memória, dados e narrativas

Nesta etapa, a Rede assume o compromisso de organizar e circular informações com qualidade, garantindo que o território:

- gere conhecimento próprio;
- produza memória;
- dispute narrativas;
- registre seus avanços;
- construa identidade coletiva;
- informe, mobilize e forme

A gestão envolve:

- boletins mensais,
- relatórios;
- campanhas;
- vídeos, cards e materiais audiovisuais;
- narrativas das mulheres;
- indicadores de produção e sazonalidade;
- sistematizações de experiências;
- comunicação territorial nas redes sociais.



É QUANDO A REDE SE RECONHECE COMO SUJEITO
COMUNICANTE E COMO GERADORA DE DADOS
COMUNITÁRIOS.

ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

FASE 6 – Incidência Política

A entrada do território na esfera pública

A última fase transforma a Rede em um ator político legítimo. Aqui, a Rede:

- participa de Conselhos Municipais;
- apresenta pautas;
- dialoga com secretarias;
- integra programas públicos;
- participa de conferências;
- disputa recursos e editais;
- reivindica direitos;
- constrói agendas coletivas.

A incidência é o momento em que o território deixa de ser visto como “beneficiário” e passa a ser reconhecido como co-autor de políticas públicas.



ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO

FASE 7 – ACOMPANHAMENTO

A fase que nunca termina

A última fase da Rede é, na verdade, aquela que nunca chega ao fim.

Trata-se do acompanhamento contínuo, um movimento permanente de cuidado, avaliação, escuta, reorganização e fortalecimento das relações que sustentam a Rede.

Aqui entram ações como acompanhar a rotina e apoiar empreendimentos que enfrentam dificuldades, atualizar cadastros, revisar estratégias de comunicação, reforçar a formação de novos integrantes, revisar termos de parceria, escutar as demandas emergentes e manter vivas as articulações políticas.

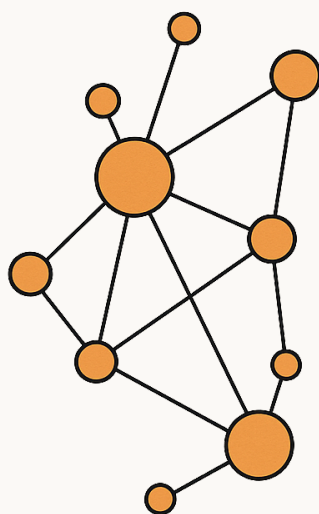
É essa fase que garante que a Rede não se enfraqueça, não se perca em burocracias e não volte a fragmentar o território. Ela cuida da memória, das pessoas, das tecnologias simples, dos dados e das relações – mantendo tudo pulsando com coerência, afeto e propósito. É também nessa fase que se ajustam rotinas, corrigem rumos e se fortalecem novas lideranças.

IMPORTANTE:

As fases podem acontecer de forma paralela.

Apesar de apresentadas em etapas, é fundamental compreender que uma Rede Local Ecosol não é um processo linear.

As fases podem - e geralmente vão - ocorrer de maneira paralela.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



A implementação de uma Rede Local de Economia Popular e Solidária é mais do que um processo metodológico: é um compromisso político, ético e afetivo com o território. Ao longo deste manual, reforçamos que a Rede é uma construção sociotécnica viva, feita de pessoas, práticas, narrativas, infraestruturas materiais e informacionais, sentimentos de pertencimento e disputas por reconhecimento. Ela não nasce pronta. Ela se faz no caminhar, na escuta, nas mãos que trabalham, nos gestos de confiança e na vontade coletiva de construir algo maior que cada empreendimento isoladamente.

A Rede se fortalece quando cuida da comunicação, quando prioriza a formação e quando se compromete com a incidência política. Esses três eixos, articulados entre si, garantem que o território não seja apenas beneficiário, mas autor, criador e protagonista das transformações que deseja viver. Da mesma forma, as etapas apresentadas, mesmo que organizadas em sequência, acontecem de forma paralela, simultânea e orgânica, como um corpo vivo que respira, cresce, se adapta e se reinventa. É assim que redes comunitárias permanecem: no movimento contínuo, na reciprocidade e na força compartilhada.

Compromissos Éticos da Rede

Para que a Rede continue sendo espaço de confiança e cuidado, alguns compromissos devem ser preservados:

- Respeito à autonomia e ao protagonismo dos empreendimentos e das mulheres que constroem o território.
- Rejeição a práticas colonizadoras, de apagamento ou apropriação externa.
- Transparência nas parcerias, sempre formalizadas e com responsabilidades claras.
- Uso ético das imagens, narrativas e dados da comunidade.
- Tomada de decisões horizontais e coletivas.
- Devolutiva obrigatória de qualquer pesquisa, ação ou produção realizada no território.
- Fomento ao cuidado, à memória e à continuidade.

Esses compromissos sustentam a identidade da Rede e garantem que ela permaneça fiel ao propósito de servir ao território — e não o contrário.

Recomendações de sustentabilidade

Para que este manual não seja apenas um ponto de partida, mas um guia contínuo, recomendamos:

- ✓ Manter o acompanhamento permanente: A Fase 8 é essencial e precisa ser constante: cuidar da Rede é trabalho diário.
- ✓ Atualizar a infraestrutura informacional: Planilhas, cadastros, calendários e bancos de imagens devem estar sempre vivos.
- ✓ Garantir a formação contínua: Novas integrantes chegam, novas demandas surgem, novas habilidades são necessárias.
- ✓ Manter parcerias sempre alinhadas: Parcerias devem ser avaliadas periodicamente para evitar desvios éticos ou desigualdades.
- ✓ Documentar tudo: Fotos, vídeos, relatórios e registros fortalecem a memória e ampliam incidência política.
- ✓ Alimentar a comunicação territorial: A Rede precisa ser vista, narrada e celebrada para existir com força.

Para conhecer uma Rede em funcionamento

Este manual foi elaborado com base na experiência prática de Joyce Caridade Maquiné na implementação da Rede Local de Economia Popular e Solidária do Careiro e se você deseja ver, na prática, pode funcionar, com comunicação ativa, formações contínuas, incidência política real, feiras organizadas, articulação comunitária e parceria territorial, basta acompanhar os canais oficiais da Rede Ecosol Careiro.

Esses canais mostram, de forma transparente e contínua, como a Rede funciona no dia a dia, e servem como inspiração para quem deseja implementar processos semelhantes em outros territórios.



redeecosolcareiro.org



Referências

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. The concept of information. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 37, p. 343–411, 2003.

CESARINO, Leticia. O mundo do avesso: circuitos informacionais e crise da democracia. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

GÓMEZ, Nelson. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 3, p. 1–10, 1990.

LARKIN, Brian. Políticas e poéticas da infraestrutura. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

OMENA, Janna Joceli. Métodos digitais: teoria, prática e crítica. Lisboa: ICNOVA, 2019.

SINGER, Paul. Introdução à economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

